



# A propósito de uma estela funerária romana de Vila Caiz (Amarante)

---

Armando Redentor\*, Luís Sousa\*\* e Carlos Gonçalves\*\*\*

## Palavras-chave

Epigrafia funerária; povoamento rural; necrópole de Vilarinho; época romana

## Keywords

Funerary epigraphy; rural settlement; necropolis of Vilarinho; Roman period

## Resumo

*É estudada, do ponto de vista epigráfico e histórico, uma estela funerária da época romana, recolhida na Quinta da Pena (Vila Caiz, Amarante), discutindo-se o seu verosímil contexto original: um arqueossítio, conhecido desde os alvares do século XX, situado no lugar de Vilarinho.*

## Abstract

*A funerary stele from the Roman era, taken at Quinta da Pena (Vila Caiz, Amarante), is studied from the epigraphic and historical point of view. Its probable original context is discussed: an archaeological site, known from the beginning of the twentieth century, situated in the place of Vilarinho.*

---

\* Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC); Investigador do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP) (aredentor@gmail.com)

\*\* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada; Mestrando em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (luis.sousa2@sapo.pt)

\*\*\* Técnico de Arqueologia. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada (arquindireito@sapo.pt)

## 1. Introdução

Desde há algumas décadas, acolhe a Quinta da Pena uma estela funerária da época romana, que, ao que tudo indica, será proveniente de um outro ponto da freguesia de Vila Caiz, concelho de Amarante, na qual se localiza, tendo sido transportada para este prédio por oferta aos seus proprietários.

A estela terá sido descoberta nas imediações do lugar de Vilarinho, talvez procedente da necrópole colocada a descoberto na sequência da construção da estação ferroviária, nos alvares do século XX, não tendo, até ao presente, sido objecto de qualquer estudo, não obstante estar referenciada desde os últimos anos da centúria. A importância documental da peça justifica que se lhe dediquem algumas linhas, no sentido de a apresentar analiticamente e de a enquadrar do ponto de vista histórico, procurando acertar a sua origem em função da rede de povoamento antigo.

## 2. Vila Caiz: humanização da paisagem entre a Proto-História e a época romana

Vila Caiz<sup>1</sup> constitui uma das 40 freguesias que compõem o actual município de Amarante. Possui uma superfície de aproximadamente 9km<sup>2</sup>, distando da sede concelhia entre 7 a 8km (Fig.1).

No contexto territorial em que se insere, desenvolveu-se um intenso povoamento que remonta, pelo menos, à Idade do Ferro. A ocupação neste período encontrar-se-á, à partida, evidenciada pelo registo de casas de planta circular observadas no alto do Monte da Senhora da Graça. Esta notícia é veiculada por Lino Dias (1997:296, n.º21), de acordo com relato oral que recolheu do finado Professor Arnaldo Marques, destacando o facto de o ponto

orográfico em causa possuir largo horizonte visual sobre o território envolvente, permitindo visibilidade directa até à serra de Montemuro. As alterações topográficas de monta que o sítio vem padecendo, devido, essencialmente, a trabalhos relacionados com arranjos da envolvente da capela de invocação à Senhora da Graça, que o encima, tornam delicada a comprovação *in situ* dessa ocupação proto-histórica, relacionável com um povoado fortificado. Não obstante, há que ter em conta as condições geoestratégicas que aquele monte proporciona, com claro domínio visual sobre povoados fortificados comprovadamente proto-históricos e sítios romanos – por exemplo, o castro de Quires (*ibidem*:314-315, n.º 85) ou Tongobriga (*ibidem*:306, n.º68) –, revelando aptidão para o controlo sobre uma parcela do vale do rio Tâmega.

O topónimo *Castro*, que subsiste no lugar de Coura, já foi apontado como referente a um povoado proto-histórico. Assim se lhe refere Teresa Soeiro (1984:41-42), relatando estar muito afectado pela exploração de pedra e abertura de minas, e ter recolhido um bordo de vaso de fabrico manual, de pasta castanha-clara e superfícies alisadas, definido como de aspecto bastante antigo. Todavia, declara não reconhecer perfeitamente a sua planta e, ao mesmo tempo, não concretiza nada acerca do seu amuralhamento. Fruto da expansão urbana e abertura de novas vias, torna-se difícil anotar a tipologia deste arqueossítio, tendo a sua ocupação, associada a esporão sobranceiro ao Tâmega, também já sido interpretada como correspondente a uma aldeia (Dias, 1997, p.296, n.º 20). A única estrutura arqueológica que pode, claramente, observar-se na saliência topográfica é um lagar cavado na rocha granítica, talvez medieval, referido por Pinho Leal (1886:680) no seu *Portugal Antigo e Moderno*, a propósito de algumas antiguidades na freguesia de Vila Caiz, dizendo o seguinte: *ha n'esta freguezia o monte das Costeiras, sobranceiro*

<sup>1</sup> O limite administrativo de Vila Caiz está definido, a norte e este, pelas freguesias de Louredo, Fregim e Salvador do Monte, do concelho de Amarante, achando-se os restantes quadrantes geográficos demarcados por freguesias do vizinho concelho de Marco de Canaveses, respectivamente, Várzea de Ovelha e Aliviada, a sudeste, Santo Isidoro e Toutosa, a sul, Constance, a sudoeste, e Banho e Carvalhosa, a oeste.

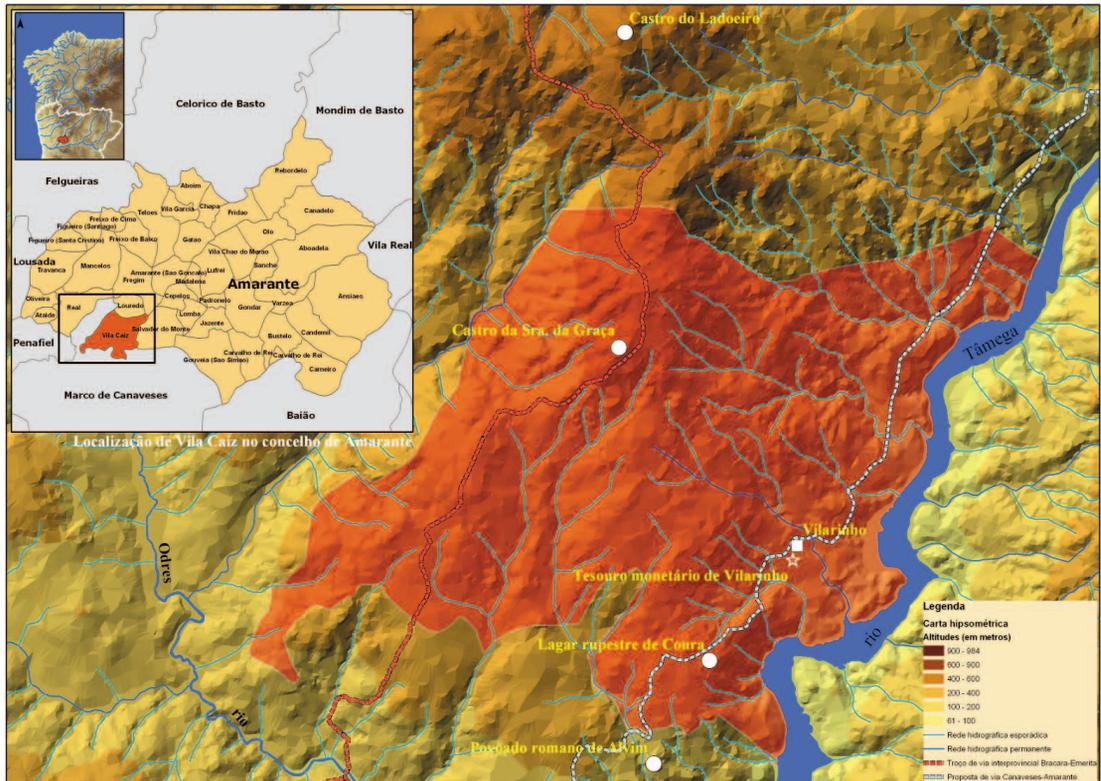


Figura 1. Enquadramento administrativo de Vila Caiz e carta de sítios arqueológicos (Cartografia: L. S.).

ao Tamega, - monte que tem de notavel um penedo denominado Penedo da Moura com um lagar, uma lagareta e uma lagarinha (dizem os apontamentos que me enviou o ver. (sic) Parocho) - tudo obra dos mouros, segundo reza a tradição. Ao mesmo lagar alude José Augusto Vieira (1887:424), que, embora não adite quaisquer novos dados, tece algumas considerações incorrectas ao dizer que é naturalmente algum dólmen ou menhir arruinado, não obstante acrescentar, em nota de pé de página, que também lhe chamam lagar dos mouros por ter sido cavado como um lagar. O registo arqueográfico do lagar é empreendido por Teresa Soeiro (1984:43, Fig.X), que, sem propor uma datação, o descreve da seguinte forma: foi cavada uma pia trapezoidal com rebordo saliente no qual se cortou um pequeno canal que deixa passar o líquido para a lagareta rectangular mais baixa,

que se encontra na frente. Para esta lagareta existe um outro canal em rampa com origem na prensa instalada ao lado do lagar num espaço semi-circular rebaixado e com orifício central onde se apoiava a sua estrutura, possivelmente em madeira.

A ocupação de época romana reconhecível na freguesia de Vila Caiz encontra-se na sua extremidade sudeste, concretamente no lugar de Vilarinho, numa zona de forte declive sobre a margem direita do rio Tâmega. Esta área, apesar de íngreme e retalhada em pequenas parcelas agrícolas, compreende um solo, de génese granítica, com boas aptidões para o cultivo da vinha<sup>2</sup> e da oliveira, bem como para produtos hortícolas, concorrendo para esta circunstância a presença de pequenas linhas de água, algumas nascentes e a favorável exposição solar.

<sup>2</sup> Nas Inquirições de 1258 encontramos referências a vinhedos num reguengo em Varzena Vilarini, com dois campos, propriedade que deveria pagar ao castello Sancte Crucis *j. modium panis de qualicumque pane jacebat in ipso campo, et modo facerunt ibi iiii. homenes Domne Orrace Fernandi vineas et nescit qualis istarum iiii. tenet ipsum campum, tamen dixit quod campus est in ipsis vineis, et ex quando illud castellum destruerunt numquam inde istum modium panis dederunt; et illus campos tenent illus cum vineis Martinus Johannis et Martinus Petri, homines Domni 606/Gonsalvi Garcia et Domne Orrace Fernandi. Item, casale Vilarini quod fuit Martini Lupi debet dare j. spatulam porei, et debet tenere ganatum in presso, et luctosam, et debet pectare vocem et calumpniam, et vitam Maiordomo (PMH, Inq., 1258:605-606).*

No local onde se encontra o apeadeiro de Vila Caiz, actualmente desactivado, identificou-se, em 1908, um significativo número de vestígios de época romana que conformavam um arqueossítio que tem sido interpretado, genericamente, como habitat romano, possivelmente *uilla* (Soeiro, 1984:39-41; Dias, 1997:296-297, n.º23). Os vestígios em causa, um edifício habitacional e uma área de necrópole, foram descobertos no decurso de trabalhos de terraplanagem para implantação da linha férrea e da estação local, de acordo com notícia elaborada por José Fortes (1905-1908b). Registe-se que esta memória se baseia numa selecção do espólio aparecido – que o etnógrafo José Pinho conseguiu salvar – e, aparentemente, também apenas em informação secundária, recolhida através deste, como se pode depreender do seu intróito.

Da estrutura habitacional, identificada no ponto onde se ergueu a estação, é descrita a descoberta de umas escadas de pedra, de um cunhal, de uma pedra larga e comprida, com orifício; quanto ao interior, há referências a uma lareira e a um piso de saibro, no qual se notou uma cavidade contendo carvões. Presume-se que teria cobertura de *tegulae* e *imbrices*, pela alusão a fragmentos das telhas planas. Do espólio que lhe estava associado, destaca-se a presença de dois dormentes (*metae*) de mós manúarias, cerâmica comum romana, com realce, entre outros fragmentos, para a metade dum pequeno prato (*catillus*), e uma taça em terra sigillata hispânica da forma 37 tardia, com cronologia balizável entre os séculos III e IV d.C., de acordo com a classificação realizada por T. Soeiro (1984:39-41).

Quanto à necrópole, então descoberta a cerca de 100m a nascente da casa, no corte realizado para assentamento da linha férrea, desconhece-se o número de sepulturas identificadas, mas sabe-se que uma delas, vista pelo informador de Fortes, em corte, na secção da trincheira, era do tipo rectangular, aberta no saibro, sem revestimento, nem tampa. Dos materiais que se lhe associavam, há algumas peças que foram depositadas no Museu de Etnografia do Porto,

nomeadamente uma tigela, dois vasos fechados - um de boca circular e outro mais incompleto, não se descartando ter sido trilobado -, um terceiro, com o colo e a asa partidos, e uma almotolia, com decoração pintada de faixas alternadas vermelhas escuras e brancas, além de motivos irregulares e um ramiforme, também estudadas por T. Soeiro (1984:41). Esta autora aponta, ainda, como provavelmente pertencentes a esta necrópole, três peças, existentes no Museu Nacional de Arqueologia, a saber: uma tigela, um púcaro e um unguentário.

Há também notícia, para as proximidades de Vilarinho, do aparecimento de um tesouro monetário composto por 52 *antoniniani* e dois denários de Aureliano, com datas *post quem* de 263 e ante quem de 274-275, a sugerir uma ocultação por volta do início do último quartel da terceira centúria (Centeno 1981-1982). Este facto quadra com o que se conhece da ocupação da zona do apeadeiro, dado que o espólio estudado (Soeiro, 1984:41) aponta para uma ocupação de finais do século III ou inícios do IV, sem que esta constatação possa ser probatória de uma relação do tesouro com este sítio. Essa ligação é até, à primeira vista, improvável, dado a ocupação mais dilatada do sítio se coadunar mal com a datação do tesouro, a não ser que o registo arqueológico detectado fosse, na verdade, de uma reocupação subsequente à ocultação.

Em face dos dados arqueográficos, torna-se difícil abonar uma tipologia para o sítio, localizado num ponto de charneira entre os terrenos mais profundos e húmidos, situados até à cota dos 150m, e os mais secos, que surgem daí para cima. Este posicionamento micro geográfico incitou L. Dias (1997:297) a uma dupla hipótese: assentamento de *uilla* ou povoado. A única estrutura detectada, e não havendo alusão a indícios de outras, seria mais acorde com a primeira possibilidade, mas a ausência, pelo menos aparente, de materiais de qualidade que, comumente se reconhecem associados a *uillae*, pode ainda apontar para um estabelecimento mais modesto, como seja uma quinta.

### 3. Da estela funerária recolhida na Quinta da Pena

A estela que se encontra no pátio da Quinta da Pena, onde tivemos o ensejo de a estudar no presente ano<sup>3</sup>, provém, segundo informações recolhidas junto da família proprietária da supracitada casa, e conforme já apontámos, de Vilarinho. Assim, apurou, em meados da década de 90, um dos signatários (C. G.), aquando da preparação de um trabalho escolar de levantamento arqueológico da freguesia de Vila Caiz. Precisando: *segundo o Sr. Cardoso [pai do actual proprietário] da casa da Pena, esta lápide foi transportada pelo seu avô desde Vilarinho simplesmente como motivo decorativo; provavelmente devia pertencer à necrópole aí detectada* (Gonçalves, 1996: 16)<sup>4</sup>.

Esta peça será a mesma a que Lino Dias (1997:308, n.º74) alude, dando-a como procedente da vessada do Borlido, situada na vizinha freguesia de Santo Isidoro, concelho de Marco de Canaveses, e associando-a a um arqueossítio da época romana, com a designação de Alvim, que classifica como casal em função das características topográficas de uma pequena elevação destacada na paisagem, e onde se recolheram materiais cerâmicos romanos não especificados. Este é um dos sítios mais próximos, pelo sul, da freguesia de Vila Caiz. Outro sítio que se pode apontar na sua vizinhança, a norte e em situação oposta ao de Alvim, coincide com um destacado morro de 541 m de altitude, denominado de Ladoeiro, em Banho e Carvalhosa, também já no concelho de Marco de Canaveses, onde se implanta um povoado proto-histórico com fortes vestígios de ocupação posterior à viragem da Era, a avaliar pelo achado de materiais cerâmicos dos séculos I e II, bem como de um *antoniniano* de Galieno, datado entre 261-268. A estrutura defensiva do povoado é constituída por, pelo menos, dois

panos de muralhas e, no seu interior, é observável, à superfície, o topo de muros de construções de planta quadrangular e rectangular.

A estela ([115]x44x28)<sup>5</sup>, de remate triangular, em jeito de frontão, é mais larga na base da cabeceira do que no pé, estreitando progressivamente de cima para baixo, sendo executada em granito de grão médio (Fig.2). A espessura é mais ou menos constante, registando-se apenas a variação de um centímetro entre a cabeceira e a base. O topo apresenta-se esboroadado, acusando aparência arredondada, sendo provável a incompletude da peça ao nível do pé. As faces laterais estão regularizadas, tal como a posterior, embora esta se mostre menos acabada.

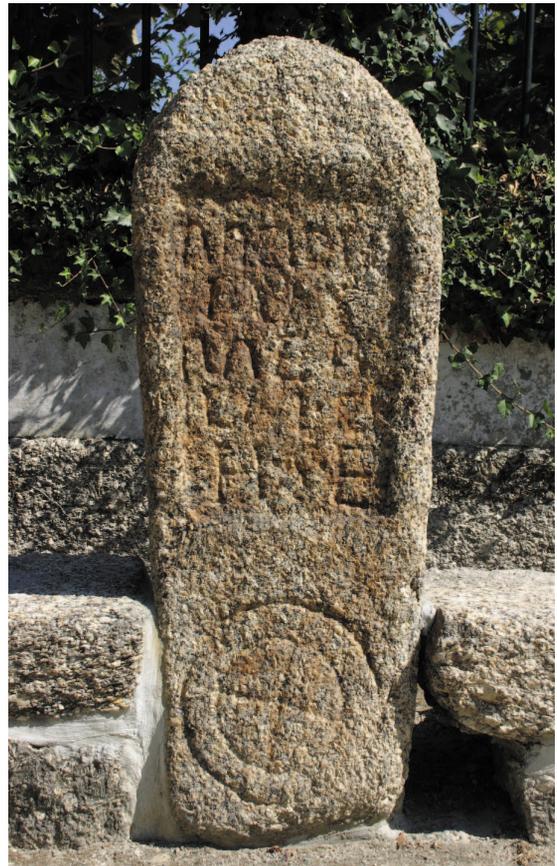


Figura 2. Estela funerária recolhida na Quinta da Pena, Vila Caiz (Foto: A. R.).

<sup>3</sup> Cumpre-nos agradecer ao Sr. Fernando Cardoso, actual proprietário da casa da Quinta da Pena, as facilidades concedidas para o estudo epigráfico da peça.

<sup>4</sup> Na altura encontrava-se em posição invertida, estando hoje no pátio, flanqueada por bancos de pedra.

<sup>5</sup> Todas as medidas indicadas estão em centímetros.

A cabeceira encontra-se rebaixada em duas áreas triangulares rectas separadas por eixo central vertical. A cartela (46x33) é de formato trapezoidal, rebaixado, com o limite inferior mais estreito (larg.=29) que o superior, em acomodação à configuração da face da estela. Sob esta, motivo inciso de temática astral: dois círculos concêntricos tendo o interior uma cruz inscrita em posição ligeiramente enviesada, conferindo ao todo da composição uma aparência de movimento dextrógiro, em alusão a uma roda astral. O epitáfio (Fig.3) reza o seguinte:

Meidut-  
iū  
Meb-  
di·{e}f(i)liū  
h(ic)·s(itus)·e(st)

*Aqui jaz Meidútio, filho de Mebd(i)o.*

O texto, dividido por cinco linhas, respeita, em cima, uma margem mais avantajada do que a inferior<sup>6</sup>. Por entre o aspecto geral fruste, percebe-se uma paginação que denota algum dinamismo, com as l. 1 e 3 a iniciarem-se o mais à esquerda possível, encostadas ao rebordo que delimita a cartela, e as l. 2 e 4, nas quais se gravou a continuação dos nomes translineados iniciados nas linhas antecedentes, um pouco mais dentro, estando a fórmula final sensivelmente centrada na derradeira regra. Na l. 3, o primeiro espaço interliteral é claramente avantajado, presumivelmente com vista a conseguir uma distribuição mais equilibrada dos poucos caracteres que lhe couberam. A letra final desta linha está gravada contra o rebordo da estela, havendo, imediatamente antes dela e após um ponto, um espaço com marca de aíttersido rasurado um signo que aproximamos de um E, embora não se vislumbre a barra medial, e que tomamos como resultado de lapso ou precipitação do gravador, o qual nos parece corrigido com a gravação do F sobre o limite da cartela. A gravação é larga e profunda, de sulco arredondado. Os caracteres



Figura 3. Epitáfio gravado na estela funerária recolhida na Quinta da Pena, Vila Caiz (Foto: A. R.).

denotam *ductus* e módulos com alguma variação, ganhando destaque as letras que compõem a fórmula final, claramente mais altas do que as das restantes linhas<sup>7</sup>. Na l. 1: M de hastes extremas praticamente verticais e vértices arredondados; E, ligeiramente reclinado, em que a ligação da haste à barra inferior é arredondada e a barra medial é apenas vestigial; D de pança alongada; V de haste esquerda quase vertical, contrariando a maior abertura da dextra; T de barra bastante curta, gravado contra o rebordo do campo (evitando o mais possível um cristal de feldspato que se posiciona após o V). Na l. 2: I reduzido a sulco vertical; V largo, de vértice arredondado; S bastante gasto, intuindo-se desenho idêntico ao da l. 5. Na l. 3: M de configuração próxima do da l. 1, mas com o vértice esquerdo algo anguloso e

<sup>6</sup> Margem superior: 5; margem inferior: 1/1.5; margem esquerda: 0/4.3; margem direita: 0/6.5.

<sup>7</sup> Altura das letras: l. 1: 5.7/6.8; l. 2: 6/6.5; l. 3: 6.8/7.5; l. 4: 6/7.5; l. 5: 8/9. Espaços interlineares: 1: 1/1.5; 2: 0.8/1.5; 3: 0/0.7; 4: 1/1.2.

a haste direita inclinada; E de haste inclinada para a frente, vértices arredondados e barra superior ligeiramente levantada; B de panças equilibradas, praticamente iguais, sendo a inferior ligeiramente mais alta, não unindo à haste a ligação entre ambas. Na l. 4: D de pança larga; I reduzido a sulco; F de barras largas e vértice arredondado. Na l. 5: H largo; S de curva inferior mais aberta que a de cima; E de barras largas e haste ligeiramente côncava e avançada. Pontuação arredondada na l. 4, separando o final do patronímico da sigla *f(i)lius*, e, na seguinte, separando os caracteres da fórmula de clausura.

Trata-se do epitáfio de um indivíduo de condição peregrina, de acordo com a sua estrutura onomástica, composta por nome único e patronímico indígenas. O texto resume-se a esta menção associada à fórmula final *h. s. e.*

A forma idionímica *Meidutius* é original, relacionando-se com outros nomes indígenas com a base *Medut-* (cf. Vallejo, 2005:358). Um *Meduttus Caturonis f., miles coh. I Bracaraugustanorum*, é conhecido cerca de *Bigeste*, na *Dalmatia* (AE 1907, 249). Em Jaén, documenta-se por duas vezes (CILa 6, 58 e 59) a forma *Meduttius*, que Abascal (1994:50) inclui entre os nomina latinos. A sua etimologia poderá estar relacionada com a raiz *\*med<sup>h</sup>u-* ‘mel, hidrómel’ (IEW:707), a mesma de *Medugenus*, como tradicionalmente se vem propondo (cf. Albertos, 1966:153; Vallejo, 2005:360). Aceitando-se esta base etimológica, a forma documentada na inscrição apresenta fecho de *-e > -ei-*, fenómeno que surge precocemente na antroponímia lusitana (Villar & Prósper 2005:239; Vallejo, 2005: 696 e 725-726).

O patronímico do defunto, igualmente indígena, até agora apenas conhecido em genitivo (indicando fase de regressão na sua utilização), tem distribuição repartida entre a *Lusitania*

e a *Gallaecia*, reforçando este novo registo a sua incidência acima do Douro. Os exemplos galaicos incluem-se todos na parte meridional do território bracaraugustano, com ocorrências em Guilhabreu (EE VIII 110 + Albertos, 1975:33, n.º 20 e 21) e em Vila Real (CIL II 5556). O único exemplo lusitano regista-se em Cárquere (CIL II 5580). Sem registo do nominativo, não obstante se conheça um *Mebdius Coruin[us]*, militar da coorte X *Praetoria*, originário de *Bracaraugusta*, em inscrição de *Tilurium*, na Dalmácia (AE 1904, 11 + ILJug 1953), sendo de presumir que a forma neste caso documentada corresponda a um gentílico patronímico ou de formação patronímica.

O testemunho oral recolhido acerca da incorporação da peça na Quinta da Pena e a comprovação da existência de uma necrópole, cuja diacronia de ocupação nos parece não estar totalmente esclarecida, são argumentos suficientes para o estabelecimento da ligação da estela ao arqueossítio de Vilarinho, para o qual, assim sendo, temos de conjecturar uma cronologia mais lata, nomeadamente anterior ao século III. É que, considerando a simplicidade do epitáfio, tal como a fórmula final e o uso do nominativo, a peça dificilmente terá cronologia posterior à segunda centúria. Mas vemos bons motivos, na onomástica integralmente indígena, na tipologia do suporte e, até, na paleografia, para ser datável ainda do século I, eventualmente na época flaviana, se dermos crédito ao último critério.

Relativamente à cronologia dos vestígios encontrados, contamos, como se viu, com os dados inferidos do espólio cerâmico. Apesar de, a propósito da única sepultura observada, se falar de inumação, estabelecendo-se paralelo com o cemitério de Laboriz<sup>8</sup> e comparando-a com o segundo tipo da necrópole de Lomba<sup>9</sup>

<sup>8</sup> O sítio de Laboriz (Telões, Amarante) foi escavado, em 1907, por J. Fortes e J. Pinho, os quais não chegaram a publicar os resultados; tratar-se-ia de uma necrópole de inumação, com sepulturas simples, abertas no saibro, rectangulares (Portela, 1998:11-12, n.º 8). Do espólio proveniente destes trabalhos deu conta A. Amaral (1988-1989).

<sup>9</sup> A necrópole da Lomba (Lomba, Amarante) foi escavada e publicada por J. Fortes (1905-1908a); o segundo tipo sepulcral, que refere, respeita a sepulturas de planta rectangular.

não será descartável a possibilidade de aí terem existido outros tipos de enterramento, inclusive vinculados a incinerações.

Soeiro (1984:41) precisa que dois dos quatro vasos referidos por Fortes (1905-1908b) continham fuligem no exterior, mas, recorde-se, não está esclarecido se são todos provenientes da mesma sepultura. Dias (1997: 296), abertamente, admite tratar-se de uma necrópole de incineração, estabelecendo paralelo com a penafidense de Croca. Nesta estão presentes ambos os ritos de enterramento, associando-se as incinerações a covachos ou a pequenas fossas quadrangulares, dependendo da existência ou não de oferendas secundárias, e as inumações a covas simples, sem revestimento nem tampa, apontando-se-lhe uma cronologia de ocupação entre os séculos II ou III e o IV (Pinto, 1996: 292-296)<sup>10</sup>.

A pensar-se na coexistência de inumações e de incinerações na necrópole de Vilarinho, há que também consentir, tendo em conta a parca quantidade dos materiais salvaguardados e o registo pouco detalhado do seu contexto, e acreditando na veracidade da conexão estabelecida relativamente à proveniência da estela funerária, a possibilidade de uma utilização mais dilatada do sítio, incluindo a sua retroacção, não obrigatoriamente em continuidade, ao período alto-imperial.

A organização e disposição dos povoados proto-históricos e os assentamentos romanos neste contexto territorial coaduna-se com a rede viária principal regional, nomeadamente com o traçado da via que, por estas bandas, estabelecia a ligação entre *Bracara Augusta* e a capital da Lusitânia. A ponte do Arco (Vila Fria, Felgueiras), que mostra uma forte reforma medieval, apresenta ainda algumas aduelas do arco maior com características de fábrica romana, o que obriga a passar nesse ponto a

estrada. Este traçado vem sendo proposto por diversos investigadores (Almeida, 1968:40; Dias, 1997:319-320; Mendes-Pinto, 1995:279-280), tendo também em consideração a rede de povoamento, atendendo não só aos assentamentos e necrópoles romanos, como também aos povoados fortificados.

Seguindo Mendes-Pinto (1995:280), o percurso, de norte para sul, seria, em traços largos e recuando a terras vimaranenses, o seguinte: São Martinho de Sande, Vizela, Pombeiro de Ribavizela, Santa Eulália de Margaride, Várzea, Refontoura, Caramos, Vila Cova da Lixa, Borba de Godim, Freixo de Cima, Mancelos, Real, Banho e Carvalhosa, Vila Caiz, Constance e Sobretâmega, onde convergia na ponte romana de Canaveses, subindo, de seguida, para *Tongobriga*. Julga-se possível, não se contando com propostas prévias, ter existido uma ramificação, que também afluía à ponte romana de Sobretâmega (Marco de Canaveses), que procurava a direcção de Amarante, seguindo, genericamente, entre as curvas de nível dos 120 e 160 metros de altitude, com passagem pelas freguesias marcoenses de Santo Isidoro e Toutosa e as amarantinas de Vila Caiz, Louredo, Fregim e São Gonçalo. Dela se aproximariam as Caldas de Canaveses, com exploração em época romana, e a necrópole associada, descoberta no século XIX aquando da abertura da estrada Canaveses-Livração (Dias, 1997:309, n.º78), as, já citadas, ocupações relacionadas com Alvim e com a área envolvente ao lugar de Coura e, inclusive, o arqueossítio a que atribuímos a epígrafe que apresentamos neste estudo. Na Idade Média este traçado ter-se-ia mantido em uso, firmando-se o percurso pela construção da ponte medieval do Bairro (Silva, 2000:71-72; Barroca, 2000:967-968, n.º 376)<sup>11</sup>, bem como pela edificação da igreja românica de Santo Isidoro (Silva, 2000:54-55).

<sup>10</sup> A proposta cronológica de G. Pinto (1996:296) é feita em função do espólio numário, correspondendo a fase mais precoce de ocupação às incinerações; nas sepulturas de inumação, a maior parte das moedas corresponde ao século IV, presumindo-se que a utilização da necrópole não tenha ultrapassado esta centúria. Os dados cronológicos considerados por L. Dias (1997:315-316, n.º 92, e 345) condirão com esta fase.

<sup>11</sup> Datada da segunda metade do século XIII, concretamente de 1271, como constava da inscrição comemorativa que se achava gravada num penedo próximo, divulgada por Craesbeeck (1726 [1992]:153).

## 4. Bibliografia

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones; [Madrid]: Universidad Complutense (Arqueología; 1. Anejos de Antigüedad y Cristianismo; 2).
- AE = *L'Année Epigraphique*. Paris.
- AGUIAR, P. M. V. (1947) - *Descrição histórica, corográfica e folclórica de Marco de Canaveses*. Porto: Esc. Tip. Oficina de S. José.
- AMARAL, A. M. G. J. (1988-1989) - *Necrópole galaico-romana de Laboriz (Amarante)*. *Portugalia*. Nova série. Porto. 9-10, p.111-114.
- ALBERTOS FIRMAT, M. de L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania: Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas [etc.] (Theses et studia philologica salmanticensia; 13).
- ALBERTOS FIRMAT, M. de L. (1975) - *Organizaciones suprafamiliares en la Hispania antigua*. Santiago de Compostela; Valladolid: Departamento de Prehistoria y Arqueología, Facultad de Historia y Geografía, Universidad; Departamento de Prehistoria y Arqueología, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad (*Studia Archaeologica*; 37).
- ALMEIDA, C. A. F. (1968) - *Vias medievais. Entre Douro e Minho I*. Porto: FLUP [Dissertação para Licenciatura em História, policopiada].
- BARROCA, M. J. (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. [Lisboa]: FCG/FCT. Vol. 2, t. 1: Corpus Epigráfico Medieval Português.
- CENTENO, R. (1981-82) - *A circulação dos Divo Cláudio na Península Ibérica: notas sobre um tesouro do concelho de Amarante*. *Portugália*. Nova Série. Porto. 2-3, p.121-129.
- CIL II = Hübner 1869 e 1892.
- CILA 6= González & Mangas 1991.
- CRAESBEECK, F. X. S. (1992) - *Memórias ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima. Edições Carvalhos de Basto. Volume 2.
- DIAS, L. T. (1997) - *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR.
- EE = Hübner 1899.
- FORTES, J. (1905-1908a) - *Necropole lusitano-romana da Lomba (Amarante)*. *Portugalia*. Porto. 2, p.252-262
- FORTES, J. (1905-1908b) - *Casa e necropole lusitano-romanas de Villarinho (Amarante)*. *Portugalia*. Porto. 2, p.477-478.
- GONÇALVES, C. J. S. (1996) - *Levantamento arqueológico de Vila Caiz*. Marco de Canaveses: Escola Profissional de Arqueologia [policopiado].
- GONZÁLEZ ROMÁN, C.; MANGAS MANJARRÉS, J. (1991) - *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía*. Sevilla: Dirección General de Bienes Culturales, Junta de Andalucía. Vol. 3: Jaén, tomo 1.
- HÜBNER, E., (1869) - *Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berolini: Gergium Reimerum, 1869. (Corpus Inscriptionum Latinarum; 2).

HÜBNER, E., (1892) - *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum*. Berolini: Gergium Reimerum, 1892. (Corpus Inscriptionum Latinarum; 2).

HÜBNER, Emil (1899) - *Additamenta noua ad corporis uolumen II. Ephemeris Epigraphica*. Berlin. 8, p.351-528.

IEW = Pokorny 1959.

ILJug = Šašel & Šašel 1986.

LEAL, A. S. A. B. P. (1886) - *Portugal antigo e moderno: dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico & etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande numero de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia. Vol. 10.

MENDES-PINTO, J. M. S. (1995) - O povoamento da Bacia Superior do rio Sousa da Proto-História à Romanização. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. V, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* Vol. 35 (1). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. p.265-291.

PINTO, G. C. (1996) - *A necrópole de Montes Novos, Croca: um cemitério da Gallaecia tardorromana*. Porto: FLUP [Dissertação de Mestrado em Arqueologia, policopiada].

POKORNY, J. (1959) - *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*. Bern; München: Francke Verlag.

PORTELA, M. H. T. R. (1998) - *Necrópoles romanas do concelho de Amarante*. Porto: FLUP [Dissertação de Mestrado em Arqueologia, policopiada].

ŠAŠEL, A. e J. (1986) - *Inscriptiones Latinae quae in Iugoslavia inter annos MCMII et MCMXL repertae et editae sunt*. Ljubljana: Musei nationalis Labacensis (Situla. Dissertationes Musei nationalis Labacensis; 25).

SILVA, J. B. P. (2000) - *Marco de Canaveses: um olhar sobre o património... Paços de Ferreira: Anégia Editores*. Vol. 1: da Pré-História à época medieval.

SOEIRO, T. (1984) - *Monte Mòzinho: apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega na época romana*. Penafiel: Câmara Municipal (Penafiel: Boletim Municipal de Cultura. 3ª Série; 1).

VALLEJO RUIZ, J. M. (2005) - *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Servicio editorial, Universidad del País Vasco (Anejos de Veleia. Serie minor; 23).

VIEIRA, J. A. (1887) - *O Minho Pitoresco*. Lisboa: Livraria António Maria Pereira. Vol. 2.

VILLAR, F.; PRÓSPER, B. M. (2005) - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca (Acta salmanticensia. Estudios filológicos; 307).

## Cartografia

Carta Administrativa (Carta IV.1 - tema: concelhos), escala 1/1000 000 [Material cartográfico]. In *Atlas do Ambiente Digital*. Lisboa: Instituto do Ambiente, 1980.

Carta Militar de Portugal, escala 1/25 000, folha n.º 112 [Material cartográfico]. Lisboa: IGE, 1998.

Carta Militar de Portugal, escala 1/25 000, folha n.º 113 [Material cartográfico]. Lisboa: SCE, 1978.

## Fontes Impressas

PMH - *Portugaliae Monumenta Historica: Inquisitiones*. Lisboa: Academia das Ciências, 1897. Vol. I, Fasc. IV e V.